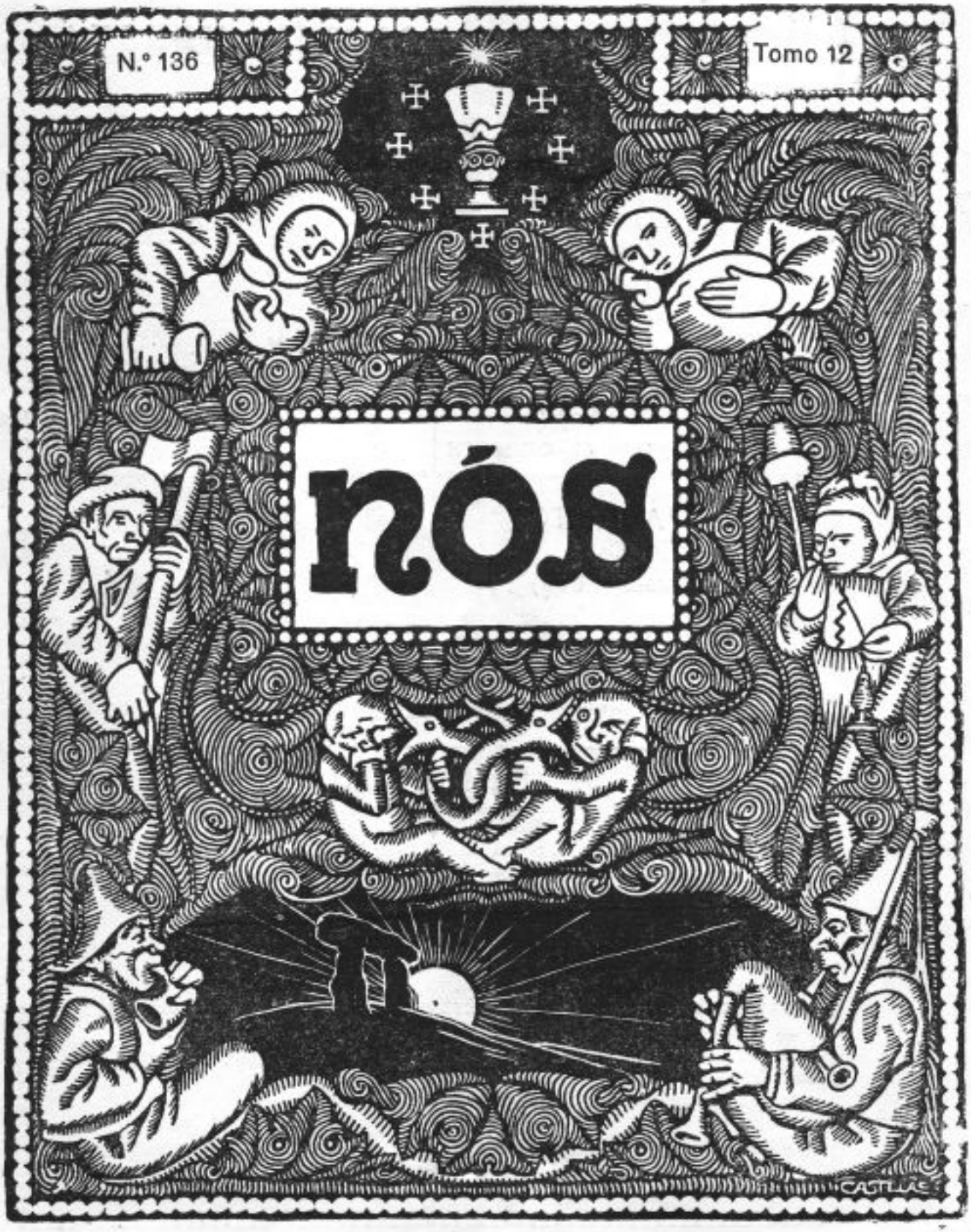
N.º 136

Tomo 12



NÓS

BOLETÍN MENSUAL
da
CULTURA GALEGA

Direitor Literario
Vicente Risco

Direitor Artístico
Alfonso R. Castelao

Adeministrador
ANXEL CASAL

DIREICIÓN E REDAUCIÓN:
Sto. Domingo, 47—OURENSE

ADEMINISTRACIÓN:
SANTIAGO

ABONAMENTO

Doce númaros, na Península	6'00 *pesetas.*
Fora da Península	8'00 »
Número solto	0'70 »

NOTA

Este boletín non pubricará mais orixinás qu'os que foran direitamente solicitados pol-a Direición. Tampouco se fai solidario das ideas n-eles emitidos, a non ser dos que por non iren rubrados, enténdense que son da Redaución.

Os pagos son adiantados e os gastos de xiro de conta dos suscritores

SUMARIO

RÍO, por AUGUSTO M.ª CASAS.
AS ARMAS DOS LOUSADAS, por ARMANDO MATTOS.
EN COL DA POESÍA BÁRDICA, pol-o Prof. S. VENDRYES.
A BARCA, por XOSÉ M.ª CASTAÑO PRIEGUE.
MISCELÁNEA, por A. DAS CASAS.
ARQUIVO FILOLÓXICO I ETNOGRÁFICO DE GALIZA.
MITTELEUROPA, por VICENTE RISCO.
OS HOMES, OS FEITOS, AS VERBAS.

IMPRENTA "NÓS"
Facturas - Estados - Libros - Revistas
e toda crás de traballos tipográficos
Trasmítanos os seus encárregos
Rúa do Vilar, 15 SANTIAGO

Vicente Risco
Abogado
Santo Domingo, 47-2.º Ourense

nós

BOLETIN MENSUAL DA CULTURA GALEGA

Ano XVII ★ Ourense 15 de Abril de 1935 ★ Núm. 136

R Í O

Por Augusto María Casas

Río, de tanta voz, río valeiro,
dispido, mudo, de perfil de lume;
azas do vento, tí, sin ser arume;
do teu sabor mazá, verde lameiro.

Corda a vibrar co corazón enteiro,
río de craridade, índice, cume,
deitado en aristorio, nervo e gume,
metamorfósis pol-o val lixeiro,

Froitos de fartas agras te conquiren,
qu'en esquezos d'escuma multipricas.
Faste arista de lús para ir ao ceo.

Verdes lameiros a tua carne firen.
Río valeiro, que inmorrente ficas
deixando de canciós o campo cheo!

1935.

AS ARMAS DOS LOUSADAS

Por Amando de Mattos.

Aos bons amigos César Vaamonde Lores e Firmín Bouza-Brey.

Notando a divergência dos vários heraldistas portugueses ao apresentarem a ordenação das armas do apelido *Lousada*, de origem galega, levou-me a investigar sobre a falta de unidade nas suas descrições.

Tendo encontrado alguns elementos que, devidamente estudados, suponho aproveitaveis para basear e justificar qual seja o verdadeiro e científico critério heráldico para a composição destas armas, venho torná-los públicos, visto serem subsidios, embora modestos, para a historia heráldica portuguesa e peninsular.

***

As armas do apelido *Lousada*, são compostas de *Lagartos* saindo das respectivas lousas.

O número, posição e forma destas figuras heráldicas, é que originaram o desacordo na representação heráldica de uma das mais antigas famílias galegas, vinda para Portugal.

No que respeita ao número de lagartos, nos armoriais portugueses há a notar dois grupos: um com um núcleo de *dois*, outro com *três* dêstes répteis.

Na Galiza, encontram-se, além dêstes dois núcleos, um de *quatro* e outro de *seis*.

Êstes, porém, saõ de origem conhecida, pois que não passam dos dois primeiros, que numa evolução de mau desenho dos atributos heráldicos, duplicam as peças.

A esta razão há a juntar a de que, na Galiza, é corrente o porem sobre uma única lousa, em *faxa*, os lagartos em *pala*, o da direita com a cabeça em *chefe*, o da esquerda em *ponta* (Fig. I).

Nas pedras-de-armas galegas, o mais vulgar, é o emprego de dois lagartos (1).

O licenciado Molina, ao referir se ao número de répteis, diz apenas «*unos lagartos*» (2), e em plural se expresa tambem o mais antigo documento galego referente ao asunto de que temos notícia quando fala, referíndo-se ao ano 1369, do «escudo dos lagartos» que existia no paço de Outeiro, na paroquia de Lantaño (3).

Ora, em heráldica, empregando se a forma indefenida, tem de se compreender o número *cinco*, ou *três*. Uma simples análize ao armorial, nos convence disto.

Em Portugal, o mais valioso documento que se encontra, é a carta-de armas de Pedro de Morais Pimentel, de 1682, em que lhe saõ confirmadas as armas de seus avós —um esquartelado de *Pimentel*, *Morais*, *Lousada* e *Pégas* (4).

Nesta carta, o quartel das armas em questão, tem apenas dois lagartos.

Baseados neste documento, indiscutivelmente oficial (o que naõ quer dizer sempre rigor heráldico) optam por êste número. Sánchez de Baena (5), Braamcamp Freire (6)— abonando-se com o «*Thesouro da Nobreza de Portugal*» (7) e com o «*Thesouro da Nobreza*» (8)—e Santos Ferreira (9).

Os manuscritos nobiliárquicos nos. *433* (10) e *211* (11), da Biblioteca Pública Municipal do Pôrto, mostram nos um núcleo de três peças, bem como os «*Blasones de Portugal*» (12).

Diz a tradição, atraves os vários autores que a tal se têm referido, que a familia *Lousada*, galega, têve sua origem em *dois* irmãos que libertaram a região de *Queiroga*, de uma invazão de lagartos, que muito prejudicavam a agricultura e os habitantes do logar.

Não quero apontar o facto, como argumento definitivo, mas apenas como de curiosa coïncidência. Muitas famílias nobres apresentam em suas armas, tantas peças heráldicas principais, quantos os irmãos que lhes deram origem (13).

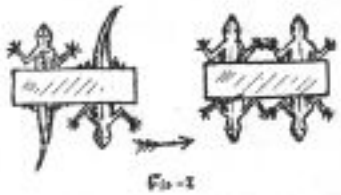


Fig. I

No caso do aparecimento de *três* lagartos, a ter algum viso de verdade a referencia feita, teria por causa o facto desta familia vir para Portugal, em tempo de D. Afonso V, na persoa de *três* irmãos: João, Henrique e Gonçalo de Lousada.

Porém, vê-se que entre nós prevaleceu o numero *dois*, mesmo na carta de 1682.

Assim, e em resumo: na Galiza, o mais usado é o núcleo de dois lagartos; em Portugal tambem, e mesmo no campo absolutamente oficial.

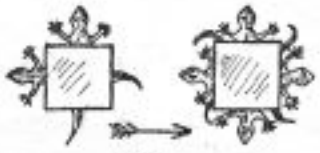


Fig. II

Concluo, pois, esta primeira parte, por optar pelo grupo de *dois lagartos*.

* * *

Assente o numero de répteis, vamos ver a posição destas figuras heráldicas.

Diz Santos Ferreiro (14), que o lagarto se representa sempre de *perfil* e *passante*.

Não sei onde êste heraldista se documentou para escrever isto. É possivel que se baseasse só nos documentos nacionais, que poucos são e que, certamente, derivam todos de uma fonte anterior, que não representasse icónicamente as armas, mas simplemente as brasonasse.

Fig. III

Fig. IV

O citado heraldista, por certo, deixou de ver elementos do país de origem do apelido em estudo.

É possivel, ainda, que fôsse encostado ás armas do apélido *Lagarto*, que êle viu no *Livro da Torre do Tombo*, e onde as três figuras estam *passantes* e de *perfil*.

Fig. V

Não quero, porem, discutir, se são ou não as armas dos *Lousadas*.

Sobre as do apelido *Lagarto*, só direi que não acho do melhor arrumo heráldico as figuras assim ordenadas.

Em compensação, na Galiza, origem dos *Lousadas*, não encontrei um único documento em que o lagarto seja representado de *perfil*, mas sim espalmado.

Basta a dificuldade que há em representar, numa boa estilisação, o lagarto de *perfil*, para nos convencermos de que é muito mais natural e heráldica a posição que eu defendo.

Mais natural, porque é a forma mais expressiva de desenhar o réptil saindo de sôbre a lousa; mais heráldico, porque um lagarto naõ pode representar-se *passante* (15) que é a forma de mostrar o animal em atitude de andar. E o lagarto não *anda*, *rasteja*. Tambem a *cobra*, outro réptil heráldico, se desloca *ondulando*, pelo que se brasona *ondulante* e em *pala* (16).

Lógico, pois, que êle seja representado em *pala* e *rastejante*.

Nêste ponto também a minha fraca opinião, diverge dos ilustres heraldistas citados.

* * *

Outro problema é o número e formato das lousas.

Seguindo o mesmo processo comparativo, usado com o comentário aos lagartos, direi

que nos materiais de estudo, que me foram amavelmente facultados da Galiza, só se encontra *uma* lousa, geralmente *retangular* e raras vezes *quadrada* (Fig. II).

Em Portugal encontram se *duas* ou *três*, conforme o número de répteis, mas sempre representando blocos informes (Fig. III), algumas vezes *movente*s (17) do bordo esquerdo do escudo (Fig. IV). Raras veces aparece só uma. Apenas conheço um exemplar, de Trás-os-Montes, que representa uma lousa quadrada abrigando quatro lagartos que aparecem pelos seus ângulos.

Não admite discussão a superioridade da lousa retangular e solta, por melhor estilisada. Um bloco informe é demasiado realista, além de pouco próprio.

Não é sob blocos, mas sim sob lages que se acoitam aqueles répteis.

Quanto ao número, o citado *Molina*, valioso heráldista de quinhentos, diz tambem «*unas lousas*»; portanto, mais que uma.

E mais que uma, vem na carta-de-armas referida de 1682.

Entendo, portanto, que o mais heráldico é uma lousa para cada lagarto, conjunto êste que ja deu na vista a Severim de Faria, quando diz (18) «*As lousas dos lagartos*», ao referir-se ás armas dos *Lousadas*.

***

Assim, optando por dois lagartos e por lousas retangulares, resta ver, como se devem enunciar as armas dêste apelido em estudo.

Aceites as côres geralmente correntes em Portugal e já confirmadas na carta-de-armas de 1682, que, diferindo daquelas que são atribuídas a estas armas na Galiza —*em campo de oiro, dois lagartos verdes sobe uma lousa de prata*, não deve ser mais que diferenciação tomada pelos ramos que vieram para Portugal (19), resta um último problema a estudar: ¿qual é a peça principal destas armas?

Na Galiza, pelas côres apontadas, parece considerarem o lagarto.

Eu discordo, optando pela lousa que é a parte *falante* das armas e origem do apelido. Por isso devem as lousas brasonar-se em primeiro lugar, antepondo-as aos lagartos que lhe são peças secundárias.

Salvo melhor opinião e novos documentos, as armas dos *Lousadas* devem brasonar-se assim (Fig. V): *em campo de prata, duas lousas de púrpura, retangulares, postas em faixa e brocantes, cada uma, sobre um lagarto restejante, de verde, posto em pála e linguado de vermelho.*

Na Galiza não encontro noticia de timbre destas armas.

Em Portugal, de todos os autores e fontes citadas, só o rei-de-armas Francisco Coelho no-lo apresenta: *um braço armado de prata, com mão de carnação, empunhando um dos lagartos.*

NOTAS

(1) Veja-se, por exemplo, em «*Paços Galegos*», pelo Marquês de Quintanar e «*Arquivos do Seminario de Estudos Gálegos*» —vol *IV*: «*Blasoens de Orense*», por Xurxo Lourenzo Fernández nos. 8 e 42; id. vol. *III*, fig. 3 de «*Santa María a Real de Cesuris*» por Xosé Ramón e Fernández Oxea.

(2) «*Descripción del Reino de Galicia*».—Mondoñedo—1550.

(3) Usava o escudo Garcia Estevez de Lousada dono do dito paço que hoje hessiste ainda que restaurado. (Vide «O testamento de Fermin Garcia Barba de Fragueeos» na Col. Diplomática da rev. «Galicia Histórica», n.º 1, Santiago, 1901, páx. 27).

(4) «*Archivo Heráldico-Genealógico*» por Sánchez de Baena. Lx.ª 1872. N.º *LXXII* (Biblioteca Eborense).

(5) «*Indice Heráldico*», *in* op. cit. nota anterior. L.ª 1872.

(6) «*Armaria Portuguesa*». Lisboa 1906. Pág. 676.

(7) Por Fr. Manuel de Santo António, I-30.

(8) Por Francisco Coelho, 1675; fls. 46.

(9) «*Armorial Português*», Lx.ª. 1930-3.

(10) Véja-se o «*Catálogo da Biblioteca Pública Municipal, do Pôrto*», 3.º fasciculo. «Nobiliarios» (2.ª edição). Porto, 1900; pp. 11.

(11) Id, fls. 126, e s. «*Nobiliario da Casa do Casal do Paço*» (Arcos de Val-de-Vez), por Fr. Joao da Madre de Deus.

(12) Pelo Pdr. Manuel de Magalhaes, 1676 - fls. 176.

(13) Publicarei um dia os elementos que tenho sobre êste assunto.

(14) Op. cit. vol. II - part. III - s-v: *Lagarto*.

(15) Op. cit. id. s.-v: *Passante*.

(16) Id. id. s-v: *Serpente*.

(17) V. O Ms. n. 211 (fls. 196, da Bca. Pca. Mal. do Pôrto e as obras citadas de Francisco Coelho e a Carta-de-armas de 1682.

(18) No cit. Ms. 211, da Bca. Pca. Mal. do Pôrto, pajs. 11, vêja os côres conforme são usadas na Galiza. É interessante ver nesta iluminura, a precisa locação das peças. Como são três os lagartos, ficaram na situação normal 2 e 1.

(19) «*Noticias de Portugal*» Lx.ª 1740 - fig. 100, e o Ms. 438 citado. Fr. Manuel de Santo António tambem trás uma lousa movente do bordo esquerdo do escudo.

EN COL DA POESIA BÁRDICA

A POESÍA DE CORTE NA IRLANDA E MAIS EN GALES

Pol-o Prof. J. VENDRYES,
da Academia d'Iscripcións e Belas-Letras.

Unidade da Céltiga precristiana

NA sua *Historia da Galia*, M. Camille Jullian ajuntou todol-os testemoios que nos deixaron os Antigos en col da actividade inteleitual dos Galos. Sabemos qu'era moi viva e que produciu unha abondosa literatura poética.

Por disgracia, d'esta literatura non quedou nada, nen tan xiquera a espranza d'atopal-o mais pequeno rastro. Porque os Celtas da Galia non escribían; as suas produciós poéticas perdéronse pol-o tanto pra sempre.

Mais os Celtas da Gran Bretaña e mais d'Irlanda ofercen na sua literatura algo con que compensal-a perda. Non compre demostral-a unidade primitiva do mundo céltigo. As reaciós étnicas e linguísticas antre Galos, Bretós e Gaels están hoxe exactamente definidas. Ora, perante toda a Edade Meia a poesía foi cultivada antr'os Celtas insulares, e en condiciós tan semellantes âs qu'os autores antigos siñalan antr'os Galos, que podemos consideral-os poetas d'Irlanda e de Gales coma continuadores d'unha tradición que recúa deica o tempo da unidade céltiga.

A tradición que jungue o céltigo insular co céltigo da Galia, é moito menos un feito de lingua do qu'un feito de civilización. Mantivose porque repersentaba unha istitución social.

Esta istitución é a dos poetas de corte.

Os poetas oficiás ou poetas de corte

Tense convido en desiñar co-iste nome unha caste de poetas, oficialmente ligados â persoa d'un chefe e exercendo onda il unha función pagada. Houbo poetas de corte nos pobos germánicos, especialmente nos Escandinavos, qne probabremente tiraban o modelo da Irlanda. De todol-os geitos, foi nos paises céltigos ond'a istitución produciu as obras mais antigas e mais perfeitas. Dependía alí da orgaización social.

Contrariamente ao «clerc», confinado no retiro do mosteiro, onde gozaba relativa seguranza, o poeta andaba misturado na vida pública e guerreira; levaba a vida desacougada dos leigos. Era un dos oficiás, un dos dinatairos do castelo onde vivía o chefe; compartía as suas cobizas e xenreiras, os seus antusiasmos e desesperos.

A poesía de corte durou o que durou aquil mundo aristocrático, estremecido de paixós ardentes. Sobreviveu na Irlanda âs invasiós escandinavas, e resisteu âs conquistas anglo-saxonas ata o istante en qu'a aristocracia irlandesa arruiñada, desmada, exilada, foi reducida â impotenza; isto non se producía deica o comenzo do século XVII. En Gales tivo unha existenza moito mais breve. Pódese pór a sua ruiña nos derradeiros anos do século XII, cando a politeca de Duardos I puxo fin â independenza galesa. Nos dous paises, a istitución dos poetas de corte

desenrolouse en condiciós semellantes: tradición no exercicio da función, tradición no recrutamento e no aprendizage, tradición na técnica mesma do mester, veleiquí ond'estaba a forza da istitución.

A función leva un nome, o de «bardo», que sirve ainda en galés moderno pra desiñar un poeta. É un nome moi antigo, común a todol-os Celtas, pois asegún o testemoio de Suidas, os Gálatas empregábano tamén. Era usual na Galia, coma o proba o soado apóstrofe de Lucano:

Plurima securi fudistis carmina, bardi.

Na Irlanda é tamén ben coñecido. Com'a función de poeta herdábase amiudo, un nome de persoa moi esteso é o ne *Nac an Bhardi*, «Fillo de poeta», que pasou ao inglés ordinariamente baixo da forma de *Ward* ou *Nacward*. Mais a verba «bardo» n-irlandés caíu na usanza banal. Coma termo oficial e técnico, foi trocada por outra verba, *fili* (pl. *filid*), que en gaélico quería dicir «vedoiro» (británico *Gweled*) ou sexa que desiñaba o home ispirado, favorecido por unha visión mais lúcida. Oposto a *fili*, a verba *bard* chegou ás veces a desiñar un poeta inferior. Non se trata d'un troque de termo, senón millor do emprego especializado de dous termos antigos que primeiro apricábanse a unha mesma persoage. Na sociedade céltiga primitiva, o poeta jogaba un rol complexo que mais tarde, escindíuse en varias funcións difrentes.

A hierarquía dos poetas

Os poetas formaban clases, ordeadas hierárquicamente, onde se pasaba por unha riola de grados, semellantes aos nosos grados universitarios. Na Irlanda, o *fili* do mais outo rango levaba o nome de «ollave» (*ollam*) verba qu'os dicionarios modernos, pra marcar ben a semellanza, traducen por «profesor». Por debaixo do ollave viñan outros seis grados. En Gales tamén, a clás dos bardos comprendía unha hierarquía, á cabeza da qual achábanse dous dinatarios, o «bardo doméstico» (*bardd teulu*) e o «chefe do canto» (*penkerdd*), correspondente pouco mais menos ao qu'eran na orde eclesiástica o abade, chefe d'unha comunidade, e o bispo, chefe d'unha diócese. Nos dous países, os grados mais outos tiñan autoridade sobr'os grados inferiores.

En Gales, o *penkerdd)* tiña o privilegio d'estar coberto, e ainda ás veces de se sentar na sua cadeira dediante do rei; sentábase á mesa á esquerda do herdeiro do trono. A sua obriga era cantar na gran sáa, cando llo pedira o rei. O *bard teulu* facía o mesmo, ainda na cámara da raíña, cand'ela o pedira, mais entón somentes en voz baixa. Acompañaba ao exército na guerra, cantaba dediante das tropas cando marchaban ao combate, e nas voltas vitoriosas. O rei regaláballe unha harpa, un jogo de axedrés e un anel d'ouro que non se podía sacar. A mais das suas funcións de poeta músico, o bardo tiña man dos arquivos da familia, e dos documentos genealógicos; servía tamén de preceitor e de compañeiro aos rapaces da casa do rei.

O bardo galés era un funcionario

En suma, a ideia que nos dan do bardo as leis galesas é a d'un alto oficial, d'un funcionario superior, cuio avance e fortuna penden no geito con que encha as suas obrigas, e que goza d'unha consideración justificada pol-o seu talento. Mais na legislación, e mais que nada na tradición literaria da Irlanda, o *fili* é outra cousa: é unha sorte de mago, cuio prestigio débese a un poder sobrenatural.

Sen dúbida, il exerce perto do chefe unha función semellante á do bardo galés; canta no comedor, ou na cámara das donas; vai ao combate co-a tropa, anímaa cos seus cantos, e celebra a groria dos mortos; mesmamente, saca a espada com'un home d'armas e toma parte na loita, con perigro da vida. Mais o *fili* é a un tempo un profeta cuios poemas revelan o porvir; é tamén un médeco e mais un juez, ou sexa, qu'é capas d'atopar as fórmulas que sanan os doentes ou castigan os criminosos. Pra decilo todo: é un que coñece a virtude das verbas.

A verba non é somentes un istrumento de poesía qu'il toca asegún seu talento — e os poetas céltigos non ceden a ningún na abenencia pra iste jogo. A verba tén tamén unha forza oculta qu'un pode endereitar coma lle peta, cando se fixo dono d'ela. Coñecer as

verbas é domiñal-as potenzas pechadas n-elas. Investido da cencia das verbas, o poeta ten todol-os poderes d'un bruxo. As suas encantaciós poden desconjural-os meigallos, prever ou sanal-as doenzas, retiral-as calamidades qu'ameazan. Mais tamén poden atraguel-a disgracia, ceibar andacios, provocar ruiñas e catástrofes.

Como se recrutaban os poetas

A profesión de poeta, pol-as ventages que precuraba, buscábana todol-os que se crían capaces d'ela. Había, polo tanto, moita competenza. Mais estaba restringida por ensamens difíceis, onde tiñan sua praza as práiticas tradicionás de magia. Mesmamente en Gales, ond'a función estaba, coma se dixéramos, laicizada, non se chegaba a bardo sen ter saido ben de certas provas diviñadoiras, cuia tradición recuaba deica antepasados legendares, coma Taliesin. A profesión ganaba prestigio ao estar arrodeada de ritos d'iniciación misteriosos.

A recruta faguíase antre os homes libres; en Gales, un bardo rebaixaba a dinidade da sua arte cantando diante dos non libres. Certos membros de familias reás ambicionaron o rango de poetas. D'algús conserváronse os nomes e ainda as obras. Os de Hywel ab Owen, príncepe de Gwynedd, no século XII, revelan un dos temperamentos millor dotados e mais persoás da literatura galesa. Mais en geral, a profesión poética tendía a ser herdamento de certas familias. Na vida dos bardos galeses hai un Gwalchmai, fillo de Meilyr; e iste Gwalchmai, á sua volta, tivo un fillo chamado Meilyr, coma seu abó; os tres deixaron poesías. Mais qu'en ningures, era na Irlanda ond'había dinastías de médecos. Sábese dos nomes de varios que ficaron adscritos profesionalmente a certas familias principescas por dous ou tres séculos. A mais antiga e soada é se cadra a dos O'Daly, cuio fundador pretendían que recibira a educación poética de San Colman, morto en 604. Mais houbo outros: os O'Higgin, os O'Mulcorny, os Mac Namee, etc. nas que a profesión de poeta pasaba de pais a fillos.

O ambente familiar, sen falar do atavismo, favorecía seguramente o aprendizage d'unha profesión tan especial e difizle.

As escolas de poesía na Irlanda

Os estudos duraban varios anos, perante os quales o aprendiz de poeta era iniciado na coñecencia das tradiciós históricas, genealógicas e topográficas do país, de camiño que na práitica dos metros (cuio número pasaba dos cen) e de todol-os artifizos poéticos.

Veleiquí coma traballaban nas suas escolas os poetas irlandeses do século XV. A sesión duraba de Samhuin a Beltene, ou sexa do 1.º de Santos ao 1.º de Maio; remataba cand'o cuco encomenzaba a cantar. O mestre levaba aos seus discípulos a edifizos baixos, con paredes caleadas, lugares de recollemento e silenzo. Dend'a mañá, repartía as tarefas. Os discípulos estaban fechados n-espazos sen fiestras, onde pasaban o día deitados, meditando no tema dado e póndoo no metro que ll'encarregaran. Chegada a noite; juntábanse n unha gran sáa e recitaban as suas composiciós dediante do mestre, o qual faguía a crítica.

Conversión ao Cristianismo

San Columbán, apóstolo dos Pictos, era ao mesmo tempo un poeta. Fíxose d'il un defensor dos poetas pra conciliar n il dous poderes longo tempo rivás: o pagao e o cristiao. A caste dos ***Filid***, apoyada na tradición, era conservadora, e a Eireja mirouna moito tempo con desconfianza. San Patricio tería determiñado aos poetas a deixaren as suas práiticas mágicas, despois de ter obtido a homage dos mais ilustres.

Dificuldades da versificación

Os traballos de M. Joseph Loth encol do galés, de M. M. Thurneysen e Bergin en col do irlandés, son coñecidos de todol-os celtistas. Refírense á versificación e mais á lingüa Kuno Meyer estabreceu que a mais antiga poesía irlandesa era acentual e aliterada. Despois desenrolouse unha versificación, imitada sen dúbida ningunha da versificación latina da Edade Meia, e que tiña por principio o número de sílabas. Iste geito de

poesía foi o que prevaleceu na Irlanda perante toda a Edade Meia, e tamén en Gales. Mail os poetas adaptáronlle ornamentos tradicionás; arranjáronse pra introducil-a rima, a aliteración, a asonancia, n unha verba, todo un sistema de concordancias dos sons, asegún regras d'unha sutileza requintada. Co tempo, as regras fixéronse mais e mais estreitas, pois cada geración de poetas quixo superar â anterior en virtuosidade. Esta rebusca de dificuldades pra vencer na costrución fónica do verso levou aos poetas mediocres ao abuso dos clichés e de ripios. Os mais abelenciosos non se souperon gardar sempre da rareza ou da escuridade. Mail-o ritmo e a harmonía chegaron antriles a unha perfeizón técnica que sen dúbida non foi superada nen ainda igualada en ningunha lingoa.

Escuridade intencional da poesía céltiga

Un dos procedementos dos antigos poetas consistía en estudal-o pasado da lingua céltiga pra coller d'il verbas vellas fora d'usanza que facían revivir. O arcaísmo intencional se non limita â escolleita de verbas. Maniféstase tamén na costrución da frase. Non habendo verbas arcaicas, pódense reemplazar por unha metáfora ou unha perifrase. Pódese dicir qu'isto fai o fondo da poesía céltiga.

Hai poetas escuros. Mais en feito d'escuridade, a poesía céltiga podería levar a palma. É escura porque tradicionalmente, os poetas quixérona manter asina. Disimula tanto coma sugire, e âs veces mais. Semella unha sorte de jogo no qu'o poeta no se descubre mais qu'o tempo preciso pra fugir cand'un coida qu'o pillou. É o jogo de Galatea co pastor que vai atrás d'ela. Niste jogo, os poetas céltigos eran mestres. A sua virtuosidade está chea de malicias e trampas.

Semellante poesía é intraducíbele, porqu'os elementos dos que tira a sua beleza se non poden trocar n-outra lingua. O tradutor non ten ainda o recurso de dal-a ideia do original criando, se ten talento, un poema equivalente na sua lingua. Porque as eisigenzas de cada lingua e as convenciós de cada poética non poden atopar eiquí satisfaizón. Hai, sen dúbida, en toda poesía un elemento de beleza musical, adautado âs condiciós da lingua e que pende n-elas; mais geralmente tamén se sostén a poesía n-unha armazón lógica que se pode revestir d'unha lingoage difrente sen deformala. A poesía céltiga non oferce tan xiquera esta posibilidade, pois n-ela falla a armazón lógica. A tradución non pode ser mais qu'un comentario que ajude ao leitor do texto original na interpretación e apreciación do mesmo.

Difrenzas antre a poesía greco-latina e a poesía céltiga

Non hai que julgar severamente de mais esta sorte de poesía. Sen dúbida non s'atopa n-ela nada comparábele ao que hai nos Gregos de fondamente humán, a esta civilidade, coma di Bossuet, qu'os pon tan perto de nós. e que fai as suas obras radiantes de beleza, tan outas en valor moral. Cando a poesía é un mester oficial, o hourizonte do poeta ten por lindeiros os do mundo a quen ten que gustar; o desexo do éisito rápido e do proveito imediato sobreponse a todo outro coidado. A poesía céltiga de corte está tan limitada pol os asuntos que trata coma pol-o púbrico a quen s'endereita. Sería doado esmagala na comparanza co as literaturas clásicas. Mais sería unha injustiza. Porqu'ela precura un ideal difrente; facendo prevalecer o elemento musical por riba do inteleitual, e o imaginativo por riba do racional. Se esta é unha flebeza, resgátaa c'un mérito que non é pequeno: o da dificuldade. As eisigenzas da sua técnica mantiveron moi outo o prestigio da arte. Non é un mester vulgar o que require tanto estudo e apricación. O esforzo sostido de varios séculos cara un ideal artísteco, nunca deixou de ter utilidade. Crea d'adianto un ambente favorábele a quenqueira que s'erga, ispirado, d'un sentemento sinceiro ou dotado d'unha imaginación poderosa.

Continuadores zelosos d'unha vella tradición nacional, os poetas de corte forjaron un istrumento poético rico e matizado d'abondo pra sobrevivir â sua istitución e servir a outros que non foran iles mesmos. Gracias a iles, os pobos céltigos que tiñan pr'a poesía dons tan brilantes teñen a sua parte nas creaciós espirtuás de que s'houra a humanidade. (Trad. de *An Ouled*).

A BARCA

Por Xosé M.ª Castaño Priegue

Pra Xesús Garrido

Están murchas, sen o vento,
as velas da miña barca.
No árbore sen follas do mastil
a bandeira est'aforcada.

No-hai múseca nos cordaxes,
nin hai escuma nas ondas.
O faro prendeu no mar
longas lumeiradas roxas.

*
* *

A lua rachou as velas
cos seus coitelos de prata.
O timoel soña ventos
nun remuiño de calma.....

¡Barca! ¡Miña mariñeira!
Espreguiza as tuas azas.
Enche as velas, que o meu peito
está cheio, xa, d'espranzas.....

Bruando chegou o vento
e deulle un bandazo â lua.
A barca e a mar durmidas
fuxiron cuspindo escuma.

M I S C E L A N E A

Na beira ezquerda do río Avia, na aldeíña de Cuñas, nunha casa ben acomodada de labregos, pasou os anos máis ledos da sua vida Victor Said Armesto que neste lugar casara. Estiven neste casal onde se gardan moitos centos de bons libros un tempo estudados, e os máis deles anotados, pol-o chorado autor da *Lenda de D. Xohán.* Entr'os libros moitas notas curiosas. Recollo unha delas que estimo de intrés, tal coal ele a escrebiu:

Clasificaión de las formas musicales gallegas.

1.ª SECCIÓN

Cantos—de niños: mayos, ruadas, juegos de cuna
alalás
cantilenas variadas
baladas
carnaval
burlescos—*viejas* (arrañan)

Cantos de—pica pedreros
arrieros
pescadores
carboneros
segadores
trabajadores de lino

cantos de ciegos —jocosos, lastimosos.
cantos de pandeiro—(triadas)
muiñeiras coreadas
labradores de Padrón (culto a ceres; culto del fuego, etc.)

Cantos religiosos —plegarias
Navidad (Natal)
Ani-novo.
Reyes
novenas antiguas

Cantos de romerías.

2.ª SECCIÓN

Bailes con gaita, *redoblante* y bombo.
Muiñeira
Riveirana (Rivero) —más viva
Contrapaso
Golpe
Carballesa (Carballino)
Maneo (?) de importación andaluza.

Chouteira —(Muiñeira de Mondoñedo)

Danzas —de espadas con Penlas o sin ellas
cintas
arcos
palillos
moros y cristianos } de libre
turcos y cristianos } invención
fandango,
jota

Farsas —En Vigo y Villanueva (disfrazado el bastonero con una piel de carnero)

I I

Preludios
alboradas
pasacorredoiras
acompañamientos santos
gigantes
marchas procesionales
sonatas de gaita (al alzar, etc.)

3.ª SECCION

Zanfona. Algunos le llaman gaita zamorana. ¡Desatino! (Tocaba *cantos de ciego*, jotas, muiñeiras, romances, trovas...)
Violines
Flautín y flauta
chirimías (marchas procesionales, en los actos concejiles, juglares)
Silvato —(cantos pastoriles)
gaita.
Cuernos de cabra (aires elementales de muiñeira, aires montañeses)

Elementos de percusión —pandeiros
castañuelas
triángulos
panderetas
conchas

A. DAS CASAS.

Arquivo Filolóxico e Etnográfico de Galiza

FOLK-LORE ENCOL DOS NENOS

No número 99 de esta revista publiquei algunhas noticias encol do folk-lore dos nenos na bisbarra de Cariño, que foron recollidas pol-o culto mencifieiro de aquil porto D. Alejandro Carreño, a quen tamén debo as que van a seguido. Sirvan estas liñas de testemuña do meu agradecemento.

O NACEMENTO.—A muller que está embarazada non debe comer fresas, nin percebes, nin lenguado, nin raia, mais si o fixera, debe coidar que non lle choute a i-auga de istes alimentos porque d'aquela sairá o neno lixado con *nevus* e outras pigmentaciós nos lugares correspondentes a aquiles onde lle caiu a i-auga a nai.

Tampouco debe comer lebre, nin coello pra que o rapaz non naza fachado, é decir, co bico leporino. Debe privarse a nai de pasar baixo de cordas, según unhos, ou por riba, según outros, pois entón naceria o cativo coa lingoa presa pol-o cabestro ou frenillo.

No parto é asistida a parida pol a sua nai ou por outra muller que por xa ter asistido a outras sabe o indispensabel para recoller o recién, cortarllo o cordón e atarllo.

Pra *axudar* a parida danlle fregas no ventre con aceite e ruda; fanlle tomar grandes cantidades de caldo limpo, no que botan manteiga d'abondo, e tamén lle dan viño fervido. Aconséllanlle que non berre pra que non se lle vaia a forza, e cando o parto se retrasa din que debe estar a matriz atravesada diante, e pra separala queiman sobre unha sella algunhas prumas de perdiz.

Despoixas de ter nado o neno e cortarlle o cordón, atan a unha perna da nai o cabo que vai a placenta, pois teñen medo que se lle volva pra dentro. Pra axudar a botar a placenta, en algunhos casos póñenlle a boina de un home, e outras vegadas fanlle soplar n-unha botella.

Tan aixiña como a placenta ten saido enfaixan a parida con unha sábana ou toalla, e sin lavala nin tomar mais precaucións, ofrécenlle de contado caldo de galiña con manteiga e ainda llo fan tomar á forza.

Cando sobreven unha hemorraxia xuntan todol-os ferros e cousas de peso que haxa na casa e sin que se decate a enferma tíranllos baixo da cama con gran estrondo pra que co susto se lle corte.

Con todo, si o parto non é normal e a cousa se presenta grave, chaman o mencifieiro.

Así que nace o rapaz lávano e báñano botando un dente de allo dentro da i-auga. Tamén se adoita a darlle unhas fregas con allo, dispoixas do baño, pra que se morran as lombrices, pois coidan que xa nacen co neno.

O BATEO.—Si o crego se trabuca ô bautizar a criatura e o unxe con óleos da extremaución, o rapaz terá dispois visiós.

O BERCE.—Os tipos mais adoitados son tres.

Non debe arrolarse estando o berce valeiro, porque entón ven o trasno a deitarse n-il. Tampouco é ben que se sente no rolo ningunha rapaza solteira.

VESTIDO.—O mais usual é unha camisiña, i-enriba unha chambra ou xubón de franela, a faixa e o pañal doblado pol a diagonal, e posto de xeito que as puntas de ésta pasen pol-a cintura, e as outras, por entre as pernas. Despois envólvese n-unha baieta e todo n-unha manta, mantón ou pano, según a posición da familia.

ALIMENTACION.—Moito antes do tempo comen do que non deben. Ô nacer danlle ôs rapaces chocolate crudo; ôs dous ou tres meses, papas, sopas e pescado, e o ano xa comen de todo sin perxuicio de que a nai lles siga dando de mamar en todo este tempo.

CRECEMENTO E DESENROLO. — Os nenos comenzan a andar, pol o xeral, arredor dos dez meses. A época da dentición varía, e ôs dentes bótaselles a culpa de casi todal-as enfermedás dos rapaces Pouco mais

ou menos cando principian a andar comenzan tamén a articular as primeiras verbas. Hai a creencia de que non se lles deben cortar as uñas ôs rapaces, porque sinón os rapaces tardan moito en falar ou son mudos. Pol-a mi-ma razón tampouco se deben xuntar n-un soio berce a un neno e unha nena.

ENFERMEDADES.—Como xa queda dito, cando os nenos de menos de dous anos enferman, as nais e os abós atribuienllo os dentes ou as lombrices.

Pra os dentes o remedio mais adoitado e o de fregar as enxibas con azafrán e viño branco.

Pra as lombrices úsase moito o allo, ben metendo entre as roupas do rapaz un dente de iste bulbo, ou ben esmagandoo e poñéndolle a pasta nun pano atado ôs pes. Tamén pra as lombrices se dá de beber a auga de cocer o sarro das chimeneas, pro xa hai quen sabe pedir nas boticas os polvos de San Antoniño (santonina).

Pra o estrenimento dos nenos pequenos adóitase apuntar un cañoto pequeno de berza, a xeito de un lápiz, e untado de aceite ou de xabón pónselle no ano.

Pra tos ferina teñen por gran remedio o caldo de rato.

XOSE RAMON E FERNANDEZ OXEA.

M I T T E L E U R O P A

(Proseguimento de Da Alemaña)

por VICENTE RISCO

II VIENA

bios auténticos que non lles intresa o seren sabios oficiás.

De que me sentei n-esta posición espiritualmente tan incómoda, espriquei todo o que demandaba. Mais tan ben coma me saira a cousa en Praga c'unhas singelas verbas, tan mal me saíu arestora co-a recomendación. Ben é certo que o Dr. Fadrus non era un Profesor, nen xiquera, se cadra, un Doutor —se o fora, poriao na carta— senón un Conselleiro escolar da cibdade *(Stadtschulrat)*. Escoitou moi atento, e de que falei, foi enchendo con lapiz e coltando d'un pequeno blok varias cédulas, que eu fun recollendo: unha recomendación pr'a *Lehrerhausverein* (unha asociación de escolantes), VIII, Josephgasse, 12, II Stock, pra que me deran unha cámara barata, por unha semán; outra co-as señas de duas cociñas baratas: *Wöck-Kuche*, I, Herrengasse, e *Mittela*, Hofburg e Kohlmarkt; outra aconsellándome visitar o *Niederösterreichisches Landesmuseum*, Herrengasse; outra co-as señas do *Volkskunde Museum*, VIII Laudongrsse, 15/19; e outra co enderezo teléfónico do Prof. Hofrat Haberlandt, A. 26 - 6 - 60. Entón, vendo que non había mais, despediume. Díxome que sempre que o precisara que fora a velo.

ACHTEN SIE AUF IHRE GARDEROBE

Ainda pillei a misa de doce na Stephen Kirche, dita n-un luxoso altar barroco d'unha das calunas, co Santísemo exposto, por un crego vello que despois da misa, reservou e deu comuñón.

Diante d'un cadro da Virge co Neno, pintado e coas croas en releve, que hai n-un pilar do transepto, habia un candieiro de ferro con moitas veliñas acesas: as dos difuntos.

Din unha volta por afora, arredor da eirexa, vendo as maravillas d'ornamentación ajival, as estautas, Ecce Homos, releves da Paixón, do Rosario, etc., e as lápidas e escudos d'armas procedentes do antigo camposanto e postas nas paredes do domo. Un Ecce Homo de tráxica eispresión, tiña froles frescas postas ao pé, usanza d'eiquí e tamén de Praga.

Por fin fun probar un dos restaurants que me dixera o Sr. Fadrus. O do Kohlmarkt

nono atopei, mais na Herrengasse, vin afeitivamente, despois de moito buscar, un letreiro sainte co-a figura d'un mozo levando un prato recortada en modernista, e debaixo a iscripción *Wöck Kuche*. Aos lados da portiña baixa, había a lista dos menús de 2, de 1,74, de 1,30 shilling. Señores e señoras paraban dediante, liían, e marchaban. Eu entrei.

Había que baixar seis ou sete escaleiras, pra s'atopar un n-un portal pequeno con luz eléitrica. No fondo había un mostrador onde vairos individos servíanse a si mesmos; á dereita unha cabina con ventanillas onde cumpría pagar adiantado o cuberto qu'un quixera. Aquelo já me non gustou moito. Ben sei que isto é corrente na Europa central, mais o certo é que eu coñecíao somentes d'ouvilo, e qu'endejamais figuera d'elo usanza. Ademais cheiraba a cociña económica qu'atufaba e botaba pra trás, mais ainda que no restaurant da Bibrioteca de Berlín. Non embargante, había que probar. Conque, achegueime ao ventanillo, qu'era com'a taquilla d'unha caseta de feira, e o home qu'alí había perguntoume que menú quería. Eu dixen que de 1,74, con carne (pois tamén o había sen ela), paguei e deume unha cédula bermella.

Entrei no comedor, que non era ruín: relativamente craro, limpo, con colunas de ferro, servido por mulleres con sabelo branco e cofia, boas mesas, cadeiras cómodas. A gente que había semellaba boa: clás meia modesta, rapaces que semellaban estudantes, rapazas que semellaban dependentas de comercio, algún señor cheo de distinción, señoras das que tantas se ven pol-a rua,.. A comida era boa: rica sopa, carne con salsa, guisantes e patacas asadas, pastel de chiculate con boa Sahne. Mais nas paredes había letreiros sospeitosos; n-un d'iles, a Adeministración aseguraba que non respondería das prendas que faltasen; n-outro ameazábase c'unha multa de 300 schilling a quen roubara unha prenda. No meio da sala, alcendíase e apagábase un letreiro de ferro e cristal pendurado d'unhas cadeas, que dicía:

Achten Sie auf ihre Garderobe!= Vigíe Vde. o seu gardaroupa!

Ben. Coma digo enantes, eu já tiña ouvido falar d'iste choyo, dixéranme qu'eran frecuentes istes avisos en moitos estabrecimentos púbricos da Europa central, qu'isto non quería dicir nada nen daba nada que temer... Mais ao fin e ao cabo, eu son peisano, e dos mais badocos. Pol-o si pol-o non, pousei o chapeu nas travesas inferiores da miña cadeira, e senteime riba do meu cartafol.

Ademais: pago adiantado, cheiro a cociña económica, posibeles roubos de prendos, feriron unha miga a miña susceptibilidade de señorito provinciano. Pareceume mal qu'o Sr. Fadrus me mandara a semellante sitio, e perguntábame a min mesmo por quen me tomara aquil señor... Mais, non fora eu quen demandara un sitio barato? O que é, é qu'en Praga fixéranme tan boa vida, qu'agora viña afeito a malos vicios. Mais lembraba que restaurants tan baratos com'aquil, somentes que sen cheiro, sen pago adiantado e sen adevertenza de roubo de prendas, já as tiña eu atopado ao pasar pol-as ruas de Viena. E determiñei de non voltar á Wöck Kuche, anque si sentín a curiosidade de visitar a pousada d'escolantes.

HOFBURG. A IDEIA IMPERIAL

Estou diante da fachada d'esprendor neoclásico do Hofburg, antiga residenza dos Habsburgos, encomenzada já pol-o primeiro imperador d'esta casa, Rodolfo I.

Entran os autos pol-a gran porta, e a gente pol-as dos lados. Pásase por debaixo d'unha gran cúpula barroca e cesárea, o páteo do pazo, con moimentos a dous imperadores, o frente d'atrás con estautas e balcón central con croa pechada, e enriba, na cima, a croa de Calromagno, e aos lados, a distanza, duas águias enormes pisando trofeus.

Despóis, por galerías, pásase á Heldenplatz. En todas estas galerías, hai cristaleiras de tendas.

A Heldenplatz ten jardís Le Nôtre, todos en verde, sen frores: herba, buxos e arbres en pirámide. Istes jardís solenes e tristeiros chegan deica a Burgtor, unha columnata grega c'unha iscripción: *Justitia Regnorum*... etc. (non leín máis).

Despoixas, atravesei o Burgring, con bastante movemento, e atopeime na Praza de María Tereixa: jardís Le Nôtre, bancos, o

moimento da imperatriz, sentada n-un trono, co cetro na man, e catro cabaleiros «à Federica» nas esquinas. A un lado e a outro, os Museus, edifizos neoclásicos.

Ben. Senteime n-un banco. Había area coor d'azafrán nos paseos, coma nas imitaciós castelás de Verlaine.

Eiquí estaba de novo o Imperio, menos rexo, menos brutal, qu'en Berlín. En lugar de facer matinar en levitós abotoados deica o pescozo e cascos de pica, lembraba máis ben charramangueiros uniformes d'opereta, con moito cordón dourado e gorros de peles con longos penachos. Mais saíndo pol-o colar d'ises uniformes, faces nobres, corteses e sorrintes... Mais poucas bromas co-estas cousas, que non son brincadeira. «Iles han volver», dixen eu matinando na nobreza prusiana, cando ollaba os moimentos dos Hohenzollers; mais istes outros que atá no noso Fisterre, maginamos envoltos en notas de vals, tamén poden volver.

Nunca foi cousa de risa, o Imperio, nin-o sería agora, inda qu'estivera já asegurado que non volvía. Pra canto máis, s'o podemos volver atopar en calquera revolta do tempo. Non misturemol-as cousas, porque eiquí hai duas: nobreza e Imperio que ata foron, e poden volver ser, termos contraditorios. Así esprican os historiadores o Imperio Romano... Mais ben o Imperio, o Cesarismo, tende a facer pé na democracia, aínda a nivelar todo o qu'está por baixo da persoa do César; o Imperio leva coil moito d'igualitario; en canto cesarismo, érguese dend'unha igualdade. Ao trono dos Césares romanos, chegaron moitos que non eran ninguén, moitos fillos dos seus feitos, e aínda das ventoleiras da soldadesca; ao trono de Byzancio podía chegar calquera; igual ao dos Kalifas; os Bonapartes son un bó eixempro recente. Nobreza e Imperio non son a mesma cousa.

Mais efeitivamente estamos eiquí dediante da lembranza d'un Imperio d'esa sorte? Non; nen eiquí, nen en Berlín. O de Berlín foi un imperio militar com'o dos Césares, mais non foi com'o dos Césares. O de Viena foi outra cousa qu'o de Berlín; o de Viena foi a sucesión d'un Imperio feudal. Hai moita difrenza. Pouco importa, pra un e pra outro, a carantoña cesárea, as águias de pedra e de bronce, e a verba *Kaiser;* pouco importa ise disfraz, máis ou menos antigo de pedantería clásica. Temos en Berlín, un imperio militar, en Viena, un imperio feudal. Cal é a difrenza? Ollai: o militar é de dereito púbrico; o feudal é de dereito privado. A difrenza non pode ser mais fonda. A loita antr'o púbrico e o privado é toda a políteca e toda a historia. Son cousas que, por limitárense a unha á outra, teñen por forza qu'estaren en porfía permanente, tendendo perpétuamente á mútua invasión. Se ben se miraran as cousas, e se vise que non hai outro probrema políteco, non habíamos perder tanto tempo en discutirmos cousas nas que non nos vai nen nos ven. Quedamos en qu'iste foi un Imperio feudal, cuia grandeza, precisamentes, emprincipiou a ir pra baixo cando s'ergueu a forza militar prusiana, qu'acabou co verdadeiro Imperio dos Habsburgos, pra rematar por erguer outro no seu canto.

Pra millor precisar a difrenza antr'o militar e o feudal —cuia esencia é a dita— apriquemos istes conceitos á nobreza. O nobre feudal encomenzou por ser un *guerreiro,* e convirteuse despóis n un *cabaleiro,* perfeizón e remate do seu tipo; de que se fixo *militar,* deixou de ser feudal, pra ser unha sorte de funcionario. A milicia é a burocracia das armas. Namentras o nobre foi guerreiro ou cabaleiro, era un vasalo; de que se fixo militar, foi un súbdito. Ficou sujeito a unha disciprifia, convertido cada vez máis en servidor d'unha cousa abstracta e impersoal que se chama o Estado.

Ténseme ocurrido a min, hai moito tempo que se podía contrapôr o militar ao cabaleiro, coma se contrapón a y arma de fogo á lanza e á espada.

O encontro e divergenza dos dous tipos dase no Renacemento, nas guerras d'Italia: Bayard é o último cabaleiro; Fernando de Córdoba é o primeiro militar.

Non é, por iso, qu'o militar perda en nobreza, é qu'a entende d'outro geito. A nobreza militarizada adáutase aos tempos. O valor ético da nobreza adautada, o valor ético do militar —coma do engiñeiro, do inventor, etc.— já o deixei indicado ao falar da nobreza prusiana. Coido que é superior ao da nobreza refractaria. Ora, o seu valor

estético é sen ningunha dúbida máis baixo.

Mais matinemos no Imperio, n-iste Imperio. Acabo de ver, ahí atrás, a croa de Calromagno esculpida en pedra. A lembranza de Calromagno —cuia misteriosa relación con Galiza é un dos máis atentadores probremas da nosa historia— conmóveme sempre un pouco. Paréceme que Calromagno ten o mesmo senso universal que Compostela: unha universalidade que s'ennobrece chamándose catolicidade. Non debemos esquecer qu'iste era o Sacro Romano Imperio, un Imperio de tal sorte trocado pol-o bautismo, que somentes se pode chamar Romano pensando na Roma papal; un Imperio feudal, en moitos istantes case honorífico, incruindo Reinos, e Repúbricas, e Teocracias, e Ordes militares e monásticas, e Gildas, e Irmandades, e Feudos, e aínda Tribus. Sen dúbida é grandioso; sen dúbida estivo ben, enantes de qu'os Imperadores se sintiran Césares, e qu'a súa pompa barroca afogara ou pretendera afogar tantas cousas.

Boeno: dito eiquí de certo, eu non sinto a sugestión do Imperio. Non me sinto tan pequeno que me pasmen as cousas grandes. Mundial, eu, millor que outros. Mundialismo, cosmopolitismo, ideología de Hotel Metropol coma a de Mr. Romain Rolland, emoción humana coma a de Mr. Horace G. Wells, Paneuropa e os outros Pan, e demáis delirios de grandezas de miolos amolecidos na grande urbe, aborrécenme, danme noxo e repunancia, parécenme d'un cursi ergueito â enésima potenza. Mais se ao fin e ao cabo houbera qu'aturar unha orgaización internacional d'esa caste, ou semellante, eu, millor aturaba o Sacro Imperio.

O Sacro Imperio non-era, pol o menos, un ensoño de filósofos de Hotel Metropol. Anque, por disgracia, se volvera, algo tivera que se contamiñar d'esas parvadas.

No fondo aínda me queda unha ideia qu'ainda non puden pôr en craro, na que cecáis estea a chave do probrema do Imperio.

FAI QUE CHINQUES
E NON CHINQUES ::

Erguinme por fin do banco, chegueime deica a acera dos edifizos da Messe, e collin pol a Museum Strasse. Isto todo é grandioso; é ben máis fermoso que todo o de Berlín, ten algo de París, anque máis pulcro e de millor gusto.

Pasei por diante do Volksteater, neoclásico, e despóis pol-a Auersperg Str. já menos grandiosa. Na segunda esquina, â esquerda, a Josefsgasse. Estreita ao principio, despóis máis ancha, desigual, con escaleiras, aceiras unhas máis outas que outras, tenduchas, a redacción d'un jornal, ninguén, somentes un garda paseando.

Cheguei â casa indicada. Unha chea de letreiros todos d'asociaciós e cousas do Magisterio. Sorte de Pazo ou quartel geral dos metrolos. Boa casa, relativamente antiga, limpa, ben disposta, outa de teitos, boa escaleira, unha Wök-Kuche no baixo... Rubín e andiven d'un lado pra outro lendo letreiros. Perdido antre tanto *Bund Band*, *Verband e Verein*, chamei en dous sitios. N-un saleu un señor con tipo d'oficiñista, de gafas, homildiño, que leeu a cédula e mandoume pra un lado. Fun ao segundo e abríu un señor mozo, outo e groso, moi apersoado, escolante seguríseno, leeu a cédula e mandoume pra outro lado.

Todo moi limpo e ordeado, mais aquelo tiñame un ar pouco simpático, frío, coleitivista e pedagógico. A pedagogía, boa ou ruín —e n-istes países é da boa— non se pode ceibar en ningures d'un tono empaquetado e pedante.

No lugar verdadeiro estaba pechado; leín un papel espetado na porta onde dicía qu'estaba aberto das dez âs duas horas. Sentinme feliz de qu'estivera pechado, de verme libre da obriga de pedir alí unha cámara... Asi e todo —hai que ver o qu-un é— se cadra por levar a concencia tranquía de ter feito o qu'estivera na miña man pra precurar sitio n-aquela pensión; e se cadra máis tranquío de facelo cando non tiña o compromiso de quedarme s'había sitio, c'unha doblez d'intención e unha perversidade dina de castigo —perversidade contra mín mesmo, a quen quería facer coma qu'iba engañar— aínda tiven o valor de picar de novo no timbre, merecendo que me viñeran abrir, e ao non ouvir resposta, baixei co curazón libre d'un peso.

Voltei pol-o mesmo camiño, e aínda me sentei a botar un pito nos jardís de María Tereixa, no mesmo banco ond'enantes estivera a cismar. Chovera, e o sol que s'estaba deitando douraba as follas dos arbres e dos buxos. Linda hora. Estaba aquelo ben; sentíase un ben alí. O corpo gorentaba o fresco, a luz e o doce ar da serán. A y-alma asombrábase tristeira no isolamento.

Erguinme e botei a andar. Pol-as ruas do centro, cheas d'autos e carros eléitricos, perigosas com'as de París, con mulleres fermosas i elegantes, tendas preciosas e ainda intresantes, con preciosas antiguidades, máis ou menos auténticas, teas modernas cheas de fantesía e ainda ás veces d'arte, confeizós, perfumería que tanto estudei en Berlín, joias, e principalmente cousas de prata que lembran as de Compostela, todas con estilo e con inventiva, e ourivesarias d'un gusto especial, que semella a un tempo refiñado e bárbaro, mistura de calados ou filigrás con esmaltes e pedras incrustadas, cousa d'eiquí e verdadeiramente intresante.

E vou matinando: millor era non ver estas cousas cand'un non ten... Mais eu estou ben resiñado a non ter... Istes son pensamentos que veñen da soedade, da desocupación, pesimismos nados de tres días d'isolamento... Débese un conformar co que ten... Compre reagir contra d'isto... Crar'está que diante d'un pasa o qu'un non terá endejamáis, goces que nunca un ha probar, etc... Mais iso non importa, soilo val aquelo qu'un aprecia, somos nós quen lle dá valor ás cousas .. A vida de cada un é unha renuncia costante, pois somentes se pode ter isto con tal de renunciar a todo o outro... E despois de todo, igual dá... Nada importa nada.

Collín o autobús diante da Stephen Kirche, já disposto a non sair da Pensión Karolina.

Viña moi triste.

A cea non foi ruín: un picadillo frío con ensalada á mayonesa, coma o outro día, queixo e manteiga con pan centeo e froita.

Despois, traballei e deiteime. Tiña enterrado outro día.

(*Continuarase*).

OS HOMES, OS FEITOS, AS VERBAS

ROSALÍA, CURROS E JUAN RAMON

Un periodista madrileño, violando a morada de silencio do andaluz universal, obtivo de Juan Ramón Jiménez unhas decracións encol de poesía. Non hai cousa como falar de poesía, escrama gaiosamente o gran poeta; e vai respondendo ás preguntas do seu interlocutor ou ás que interiormente il mesmo se formula. Do dito intrésannos dúas cousas. Unha ista: Juan Ramón Jiménez, na súa mocedade, leéu a Rosalía e a Curros, que figuraban na biblioteca de un señor de Moguer, vello repubricán. E además de leelos exercitóuse en traducilos. Algunhas de estas traducións pubricáronse n un periódico de Huelva. De sorte que Juan Ramón Jiménez, traductor de Curros e Rosalía. ¡Qué curioso non sería coñecer istas traducións! A outra cousa que nos intresa é a afirmación segundo a cal Rubén Darío sofriu o influxo de Rosalía, que inxustamente esquecida—dos castelláns—, revive no cantor americán. Ista decraración é verdadeiramente sensacional. Un non reparóu endexamáis en semellante cousa nin nada parello. Habería que probalo. Qué curioso sería ouvir razoar ista tesis do gran poeta andaluz que vencella inopinadamente a nosa grande lírica co grande lírico ultramariño.

R. C. C.

LIBROS

LAMEGO EN EL ARTE PORTUGUÉS, por Carlos de Passos trad. del Marqués de Lozoya) sep. de «Boletín de la Soc. Esp. de Excursiones», 1934.

Lamego rebelada e destruida por Trajano, reconquerida dos mouros por Fernando o Magno, logo por D. Enrique de Borgoña, aínda por Afonso Enriques, tivo duas épocas de esprendor: nos tempos suevo-góticos, erigida en sede episcopal no Concilio de Lugo de 510, e despois nos séculos XIV e XV, en que tivo feira anual visitada pol-os mouros de Granada. Decaeu coas Descobertas e cos Felipes.

Tivo industrias artísticas de carpinteiría, bordados e ferrería. No XVII frabicou mobiliar de arte, con boas obras de talla, torneado, ensambladura, etc., realizando tipos nacionais, despois de pasar pola influenza europea e indiana; e teitos tallados e pintados nos pazos da grandeza da vila. O bordado cultivouse dende o século XVI ao XVIII, producindo manificas pezas litúrgicas que se conservan.—En ferrería, mencióanse o facistal e as reixas da Sé.

Outras obras d'arte notabres de Lamego son o caliz da Sé e os cinco paineis pintados pol o Grão Vasco que se conservou no Museu, salvados da destrucción e tamén no mesmo Museu, a millor coleizón de tapices de Portugal.

Antro os edifizos, están a catredal, con torre románica, fachada gótica e o resto Renacimento, e as eirejas de Balseu mão (sec. VII ou VIII) e de Almacave (sec. XII).

O A. soupo facer en poucas páxs. unha síntese ben boa do valor artísteco da vella cibdade portuguesa.

O ROMÁNICO NO CONCELHO DE GUIMARÂES, por Luis de Pina, Guimarâes, 1928-30.

Son varias separatas da *Revista de Guimarães*, nas que o A. estuda as eirejas de S. Miguel do Castelo, San Cipriano de Taboadelo, Sta. Eulalia de Pentieiros, San Pedro de Polvoreira e S. Salvador de Pincheiro. Son pequenas eirejas rurais, d'unha nave, con ouso rectangular, con arcos apuntados debidos a recostruciós, modillós singelos, cruces antefixas. San Miguel do Castelo pasa por ter sido a capela Real no tempo d'Afonso Enriques. Hai no pavimento curiosas lajes tumulares.

SUBSIDIOS PARA A ARQUEOLOGÍA DO CONCELHO DE GUIMARÂES, por Luis de Pina, Guimarâes, 1929, 1930.

Outras duas separatas, unha tratando de *Os «Fornos da Ribeira» (S. João da Ponte)* no que estuda o achádego d'un antigo forno, que pra o A. é luso-romano e servía pra cocer tella e tixolos, e que deu nome a un lugar. Ao mesmo tempo noticia o de un dinar d'ouro do tempo do emir Abderrahmán, aparecido por aquiles mesmos lugares.

A outra é sobre unha *Sepultura luso-romana da Lapinha (Devesa Escura)*, achádego casual, estudado pol o A. Sepultura luso-romana d'incineración, que forneceu moitos testos de cerámica, anacos d'un muiño, e algún pequeno oujeto de bronze.

O CRONISTA RUI DE PINA E MESTRE ANTONIO «FISICO» DA RENASCENÇA, por Luis de Pina, Coimbra, 1933. (Sep. de «O Instituto»).

Refírese a un tratado en col da provinza de Antre-Douro-e-Miño, escrito pol-o físico vinaranense Mestre Antonio, médico do Rei D. Joño II, e que foi aposto ao cronista Rui de Pina, por andar junto en varios ms. coas obras d'iste. Ademais da descripción daquela provinza, o traballo de Mestre Antonio contén outros curiosos tratados sobre virtudes de moitas pedras, plantas e animais, fontes, paises (como Anuenia e a India do Preste Johan) o Paraiso Terrenal, etc.

O A. dá noticia de difrentes ms. do tratado, escrarece a persoalidade do Mestre Antonio, e asegura que Rui de Pina non se apropiou indebidamente da obra, como indicara Herculano.

PEDRO JULIÃO OU PEDRO HISPANO (PAPA JOÃO XXI), por Luis de Pina, Lisboa, 1932. (Sep. do Arq. Hist. de Portugal).

Estudo sobre a persoalidade, especialmente médeca, do Papa Johan XXI, do século XIII, coñecido no mundo das letras cos nomes de Pedro Julião, Pedro Hispano, Pedro Lusitano ou Pedro Hispano Portugalense. Pedro Julião nasceu en Lisboa, polos anos 1210 a 1220; estudou meiciña en Lisboa e Montpeller, foi Deyán de Lisboa, Arcebispo de Braga, Prior de Guimarães, bispo-Cardeal de Frascati e Papa. Parez que profesou a meiciña en Siena. Apónselle o *Thesaurum pauperum*, *Comentarios* a Isaac; *liber urinarum*, *De fornatione hominis*, *De oculis* e outros tratados médicos. Como filósofo foi mais ilustre que como médeco; as suas *Summulae logicales* foron durante séculos texto de lógica nas escolas, e o tratado *De Anima* revela un grande psicólogo. O *Thesaurum* contén unha chea de receitas de caraute popular, moitas d'elas ainda en usanza.

«A LA SOMBRA DE MI VIDA» por Pedro Pérez Clotet. Pen Coleccio Madrid, 1935.

Frente a unha poesía fofa e verbalista, ista poesía chea de sustancia e de forma. Poesía d'un xeito curuscante e inxel; poesía que deleita, sin morbosidade nin luxos literarios; poesía de volumen, arquiteitónica,

d'imaxen vitalista, inda c'un senso órfico da rima e do ritmo. Por riba de todo, poesía maciza, con fondas raíces e xustamente frolida. Por iste libro corre isa forza dinámica e creadora que fai o miragre da natureza e o ritmo íntimo das cousas e das formas.

A poesía de Pedro Pérez Clotet non é poesía creacionista, por mais que na ponla da verba verdeza o poema no momento en que o conceito se trasfu de en beleza. Non é tampouco poesía enerxética no senso das imaxes cruzándose n'un vértigo dislocado e amorfo. A poesía de Pérez Clotet ten un senso xustamente dinámico, como unha razón trascendental, lonxe do frío esteticismo.

Para loubar con xusteza a poesía de «A la sombra de mi vida», hai que faguer colleita no seu espréndido eido de imaxes, nas que se atopa unha forma de escelente gravedade; imaxes que a forza de erguer no seu fondo de luz os planos e as aristas, conquiren un ámbito de cántico inefabel. Non é poesía conceitista, nin hai nos seus poemas o sono de curvas do barroco. A liña sai do fondo do esprito d'un xeito natural, madura, perfeita; non percisa o pulo do cerebralismo para alar os hourizontes cromáticos das figuras literarias; nin se apoia nos sarmentos do ritmo para chegar a unha beleza precisa e madurada.

Falan d'istas fermosuras as imaxes de «A la sombra de mi vida». Un feixe d'elas falará do libro millor que o meu ledo criticismo: («Te embarcas en el alba como en un río de pájaros». «Ese sol que convierte la nieve en corazón». «Sin lunas, más con dulces palomas de tu voz». «... saltando la muralla de tu carne de piedra». «... el beso se ilumine sin lunas de romance». «... con un perfil de duelo y un acento de adelfa»).

Leendo iste libro o esprito chega a ter unha paisaxe mais bela e mais leda qu'a natureza na madurez do meridiano. Nos ríos, nas arbres, nas pedras, no ceo, na lua, en todol os elementos que inventa o pulo lírico do poeta, vemos unha realidade palpitante. Pedro Pérez Clotet loita por sairse da sua propia soma, por conquerir unha paixase na que gozar prenamente da gracia íntima do esprito. Un galego diante d'iste libro falaría de saudade; pero o autor é un poeta andaluz que de tanto ollar o ceo azul esquece a canle das pretas soedades. Loita tremenda a do poeta frente os grandes problemas do espríto humán. Diante do amor, debátese como por arrincar dos seus ollos as somas e da sua alma as mudas voces escondidas...

Os críticos dixeron que eisiste unha grande afinidade entre a poesía galega e a poesía andaluza. Verdade. Ninguén como nós comprende a poesía dos homes do sur. Os andaluces sinten a nosa poesía íntimamente.

Lede iste poema e xa veredes como nasce no voso corazón unha arela incontida de traducil as verbas:

«Salirse así, en silencio, con pasos como
[plumas,
sin arrastrar ni un leve suspiro de tu alma.
Como el árbol se sale de la tarde...
Sin que el árbol lo sienta ni la tarde lo sufra».

Pedro Pérez Clotet é un dos espritos mais senlleiros da nova xenerazón de poetas andaluces. Traballa decote lanzando follas de literatura, nas que ten azas o rexurdimento da poesía ibérica. Autor de varios libros que o proclaman como escritor de primeira fila. No seu pobo andaluz tece sinxelamente a tea d'unha esgrevia revista: «Isla». Iste é o poeta de «A la sombra de la vida», un dos libros mais interesantes do noso tempo.

A. M.ª C.

PROBLEMAS METODOLÓGICOS DE LA HISTORIOGRAFÍA VALENCIANA, por V. Genovés Amorós, Valencia, 1935.

Discurso de recepción no Centro de Cultura Valenciana. O A. trata os probremas da metodología histórica, asegún o seguinte esquema: I Aspectos e distinciós previas. División da metodología, que divide, naturalmente en parte analítica ou investigativa, á que chama *erudición*, e parte sintética, á que chama *valoración*. II Os probremas da erudición na historia de Valencia, 1, as coñecencias instrumentás (cencias auxiliares); 2, os probremas da heurística (especialmente: a) repertorios documentás e bibriográficos, b) fontes manuscritas, c) fontes impresas e bibriografía); 3, os probremas da crítica. III Os probremas da valoración. 1, os criterios apriorísticos na historia de Valencia. a) o territorial ou localista (que atopa defectuoso), b) o nacionalista da Valencia extinta ou o nacionalista pancatalanista ou occitánico (que considera insuficientes), c) o criterio cultural (que é o que preconiza, sempre que se lle dea un senso valenciano); 2, os probremas da exposición historiográfica (preconizando, por razós de difusión, as formas biográficas e de historia a arte).

LA COMARCA EN L'ORGANITZACIÓ INTERNA DE CATALUNYA, por Francesc Granadell, Barcelona.

O A. presidente da «Lliga Comarcal de Catalunya», á que están aderidas numerosas entidades comarcais, fai n'iste discurso, pronunciado o ano 1934, unha forte alega-

ción a prol do recoñecimento da persoalidade jurídica das *comarcas* catalanas, como base da estructura vital de Cataluña. A comarca é en Cataluña o que eiquí chamamos n-uns casos, *terra*, e n-outros *bisbarra*. Alí, com'eiquí, estas entidades geográficas conservan a sua vitalidade apesares das artificiás divisións administrativas dispostas pol-o Estado central, formando verdadeiras regiós naturás que, como se vé por iste discurso arelan o seu recoñecimento como entidades administrativas, económicas, e ainda culturás. Hai tempo que a moderna geografía se ven ocupando, incruso na Hespaña, do estudo das regiós naturás, nas que descobre os centros vitás dos pobos. As regiós catalanas dan ademais un senso político ao asunto exigindo o recoñecemento da sua persoalidade jurídica.

PER UN iNDEX D'ESCRIPTORS «SUPER FORIS REGNI VALENTIAE», por Joan Beneyto Pérez, Valencia, 1935.

TAMEN discurso d'ingreso no Centro de Cultura Valenciana, no que o A. oferce unha valiosa aportación bibliográfica en col dos Foros do Reino de Valencia, dividida nas partes seguintes: Edade Meia, juristas e glosadores.—Reseña cronológica de escritores «super foris» do século XIII ao XVIII.—Caraute das «Notas super Foris».—Deberes da mocedade e corporaciós culturás. Sigue a resposta do Sr. Francesc Martínez i Martínez.

REVISTAS

LOGOS, boletín católico mensual, n.º 44 na canonización de Thomas Morus, Pontevedra, xaneiro-marzal 1935

SUMARIO: *Espello de leigos*, Filgueira Valverde. *Thomas Morus*, Otero Pedrayo. *Fortuna da «Utopia» na Hespaña*, Fernández Villamil. *Dos peleriños ingleses que viñan a Compostela*, R. P. Crespo, O. de M. *Noticiario da cultura galega.*

BROTÉRIA, Lisboa, Março 1935.

SUMARIO: Mariano Pinho, *A organização Internacional do Trabalho.* J. da Costa Lima, *O Santo Graal.* Luis Chaves, *Etnografía Portuguesa.* Domingos Mauricio, *Os Jesuitas e o ensino das Matemáticas em Portugal.* E. Lombart, *Documentos da Santa Se.* Manuel Murias, *Um inédito de Vieira no Arquivo Histórico Colonial.* Dr. A. Meireles do Souto, *A Assistência Oto-Laringológica nas Aulas Infantís; sua necesidade.* *Revista de Revistas. Bibliografía. Obras recibidas.*

BROTÉRIA, Lisboa, Abril, 1935.

SUMARIO: Mariano Pinho, *Uma data que importa recordar.* J. da Costa Lima, *Aristocracia plástica.* Luis Gonzaga de Azevedo, *Despois das Cortes de Coimbra de 1261.* Dr. José Leite de Vasconcellos, *A mãi dos deuses.* Luis Chaves, *Etnografía Portuguesa.* Armando de Mattos, *A propósito do meio-tornés de D. Fernando I.* Antonio Leite, *Tomismo e Aristotelismo.* Serafim Leite, *Bartolomeu de Gusmão, o Padre Voador.* Antonio Hilckmann, *Espíritos que buscam a Cristo. Revista de Revistas. Bibliografía. Obras recebidas.*

TUDE, revista editada por los estudiantes de Bachillerato del Instituto de Tuy, Abril 1935

SUMARIO: *Nuestra Revista*, J. Ferro Couselo. *El sueño de los alquimistas realizado?.* Mercedes da Vila Bela, Alberto González Varela. *El formalismo en la Escolástica*, J. F. *Camino de Santiago*, Emilio Blazquez. *El niño quiso ser mar*, Amalia Novás, Manuel Rodríguez Ucha. *Lembranza. Don Manoel Lago González. Memorandum.* Grabados: *Portada*, Pedro Díaz Alvarez. *David*, (Pórtico de la Gloria de Santiago), Alvaro Alvarez Blazquez.

Revista de rapaces intresante pol-as disposiciós e o entusiasmo que revela, e que saudamos coa meirande simpatía, desexándolles persistan na laboura.

REVISTA DE ESPIRITISMO Lisboa, Julho-Agosto 1934

SUMARIO: *Metapsiquistas e Espiritistas*, Faure da Rosa. *Factos supranormais. Á sombra do Espiritismo*, A. C. de Moura. *5.º Congresso Trienal da Federação Espiritista Internacional. O caso «Fernando de Lacerda»*, Sousa Couto. *Pelo mundo da Metapsíquica*, Faure da Rosa. *Crónica Estrangeira*, Isidoro Duarte Santos. *Noticiario.*

Setembro Outubro 1934

SUMARIO: *A necessidade da utilização da psicoterapia*, Pedro Cardia. *Porque acredito na sobrevivência*, Oliver Lodge. *Firmino da Assunção Teixeira. 5.º Congresso Espirita Internacional. Fernando de Lacerda*, A. C. de Moura. *Factos Supranormais.*

O caso «Fernando de Lacerda», Sousa Couto. *Cronica Estrangeira*, Isidoro Duarte Santos. *Bibliografia*, F. R. *Noticiario. Subscrições.*

Novembro-Dezembro 1934

SUMARIO: *A Missão social do Espiritismo. Conclusões do V Congresso Espirita Internacional*, Prof. Asmara. *As tres verdades*, M. Collins. *Revista das Revistas. O caso «Fernando de Lacerda»*, Sousa Couto. *Pelo mundo da Metapsiquica*, Faure da Rosa. *A vida e a materia*, Carlos Nordmann. *Dr. Gonçalves Teixeira. Factos Supranormais. Cronica Estrangeira*, Isidoro Duarte Santos. *Bibliografia. Noticiario. Subscrições.*

REVISTA DE CULTURA
Río de Janeiro,
Abril 1935

SUMARIO: *Um balanço oportuno*, João L. Rodrigues. *Hymno das Escolas populares*, Dom Aquino Corrêa. *Mil e um «uns»*, Dr. Agostinho de Campos. *Microcosmo*, Carlos de Laet. *O bispo de Olinda perante a historia*, Antonio Manuel dos Reis. *Rumo a Vega*, Desembarg. José de Mesquita. *Um inédito de Vieira no Arquivo histórico colonial*. Dr. Manuel Múrias. *Nótulas*, P. Antonio F. de Mello. *Bibliographia.*

BOLETIN DE LA SOCIEDAD CASTELLONENSE DE CULTURA, Cuaderno II, 1935.

SUMARIO: *Iniciació a la Historia del Dret Valencià*, Joan Beneito Pérez. *La Rambla de la Viuda*, V. Gimeno Michavila. *En torno a Auzias March*, Angel Sanchez Gozalbo. *Una risposta di Lope al Boccalini*, Antonio Gasparetti. *Origen de algunas voces geográficas*, Carlos Pan. *Cap de Vila*, Enric Soler Godes. *La cacera del mussol*, Vicent Segarra. *Oración*, R. Catalá Lloret. *Notas bibliográficas.*

Id. Cuaderno III

SUMARIO: *Documents relatifs á la vie d'Auzias March. Silencio.* Francisco M. Delgado. *Noves pintures rupestres en el terme d'Ares del Maestro*, Joan Porcar. *Sobre la teoría del color de Guillermo Ostuald*, F. Perez Dolz. *Un libro de cocina del siglo XIV*, J. Osset Merle. *Auzias March, valenciano*, S. Ferrandis Luna. *El verdadero Auzias March etc.*, Emilio Fornet. *Poema*, Enric Soler Godes. *Notas bibliográficas.*

ANALES DEL CENTRO DE CULTURA VALENCIANA, Valencia
Enero Marzo 1935

SUMARIO: José Sanchíz Sivera, *Vida íntima de los valencianos en la época foral.* Miquel Batllón S. J., *Agullent i la seva ermita de San Vicent Ferrer.* Barón de San Petrillo, *La heráldica en Jávea.* F. Carreres i de Calatayud, *Els Casilicis del Pont de la Mar. Miscel-lánia. Bibliografia.*

SUDETENDEUTSCHE ZEITSCHRIFT FÜR VOLKSKUN
Prag, 1935, 1. Heft.

SUMARIO: H. E. Müller, *Volkstümliche Regimentsnamen im altösterreichischen Heere.* Herbet Horntrich, *Das südmährische Volksted.* Josef Maschek, *Veränderungen im Brauchtum eines Sprachgrenzdorfes.* Otto F. Babler, *Zum Lebenslaufe einer Anekdote. Kleine Mitteilungen*, etc.

JURIDICAS Y SOCIALES
Buenos Aires, Sep.
Oct. 1934

SUMARIO: Dr. Segundo V. Linares Quintana, *El Derecho de Revolución ante los Tribunales argentinos.* Dr. Juan Olis, *Subrogación real.* Enrique Cesar Rayces, *Las Guildas.* N. Thomas, *Mariano Moreno*, Sigfrido A. Radaelli, *La política portuguesa en el Río de la Plata* (1806-1809). *Legislación Jurisprudencia. Indice de colaboraciones, conferencias*, etc. *Bibliografía. Revista de Revistas. Noticias de la Facultad.*

Id. Nov.-Dic., 1934

SUMARIO: Guillermo Cano, *La unificación impositiva.* Dr. Juan Olis, *Subrogación real.* Carlos Mouchet, *Estafa y defraudación.* N. Thomas, *Mariano Moreno.* Sigfrido E. Radaelli, *La política portuguesa en el Río de la Plata. Legislación, Jurisprudencia, Indice, Bibliografía, Periodismo, Noticias de la Facultad.*

Id. Enero-Febrero 1935.

SUMARIO: Lic. José Luis Requena, *Eugenesia compulsoria.* Carlos Mouchet, *Estafa y defraudación.* N. Thomas, *Mariano Moreno.* Pablo Tischkousky, *Stamler-El Derecho Justo. Legislación, Jurisprudencia. Bibliografía, Revista de Revistas, Nocias de la Facultad.*

Imp. NÓS - Rúa do Vilar, 15 - Santiago

Dr. Amancio Caamaño

SANATORIO QUIRÚRXICO

Pontevedra

suscríbase a

semanario
gallego de
izquierdas

MERQUE VOSTEDE
Plumeiros RAFIUM
DE MÁIS DURA QU'OS DE PLUMA E LIMPAN MILLOR.
VÉNDENSE EN TODOL-OS ESTABRECIMENTOS DO RAMO.
ANDRÉS PERILLE --- OURENSE

Sanatorio Quirúrxico de San Lorenzo

Santiago de Galicia

Dos Profesores

D. Fernando Alsina e D. Antonio M. de la Riva

CIRUXANO XINECÓLOGO

FOTOGRABADO

Si quer qu-os seus fotograbados sexan o mais perfeito posibres, convenlle envialos aos
GRAFICO GALAICO
Picavia, 14 - 2.º LA CORUÑA Apartado 195

A sua biblioteca non será unha biblioteca galega, mentras non adequira as obras editadas por

NÓS PUBRICACIÓNS GALEGAS E IMPRENTA
SANTIAGO